

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA

MATEUS VIEIRA CÓ

**A INJUSTIÇA NA TERRA DE NINGUÉM: REFLEXÕES POÉTICAS E
ESCREVIVÊNCIA**

**Jaguarão
2025**

A INJUSTIÇA NA TERRA DE NINGUÉM: REFLEXÕES POÉTICAS E ESCRIVIVÊNCIA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Letras Português e Literaturas de Língua Portuguesa da Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial para obtenção do Título de Licenciatura em Letras Português e Literaturas de Língua Portuguesa.

Orientadora: Profa. Dra. Marcela Wanglon Richter

MATEUS VIEIRA CÓ

Jaguarão

2025



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
Universidade Federal do Pampa

MATEUS VIEIRA CÓ

**“A INJUSTIÇA NA TERRA DE NINGUÉM”:
REFLEXÕES POÉTICAS E ESCREVIVÊNCIA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Letras Português e Literaturas de Língua Portuguesa da Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial para obtenção do Título de Licenciado em Letras.

Trabalho de Conclusão de Curso defendido e aprovado em: 15/12/2025.

Banca examinadora:

Prof^ª. Dr^ª. Marcela Wanglon Richter
Orientadora
(UNIPAMPA/Jaguarão)

Prof^ª. Dr^ª. Geice Peres Nunes
(UNIPAMPA/Jaguarão)

Prof. Me. Silvio Nunes
(UNIPAMPA/Jaguarão)



Assinado eletronicamente por **MARCELA WANGLON RICHTER, PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 15/12/2025, às 21:36, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



Assinado eletronicamente por **GEICE PERES NUNES, PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 15/12/2025, às 22:16, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



Assinado eletronicamente por **SILVIO NUNES, Usuário Externo**, em 19/12/2025, às 10:45, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.unipampa.edu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **1925273** e o código CRC **10E56E58**.

Unipampa – Campus Jaguarão
Rua Conselheiro Diana, nº 650 - Jaguarão/RS - CEP: 96300-000
Telefones: (53) 3261-4269, (53) 3240-5450

Ficha catalográfica elaborada automaticamente com os dados fornecidos pelo(a)
autor(a) através do Módulo de Biblioteca do
Sistema GURI (Gestão Unificada de Recursos Institucionais).

652i C6, Mateus Vieira

A INJUSTIÇA NA TERRA DE NINGUÉM: REFLEXÕES POÉTICAS E
ESCREVIVÊNCIA / Mateus Vieira C6.

37 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) -- Universidade
Federal do Pampa, LETRAS - PORTUGUÊS E LITERATURAS DE LÍNGUA
PORTUGUESA, 2025.

"Orientação: Marcela Whanglon Richter".

1. Poesia. 2. Resistência . 3. Escrevivência. I. Título.

Resumo

O presente trabalho de conclusão de curso objetiva refletir sobre a escrevivência de minha primeira obra poética intitulada “A Injustiça na terra de ninguém”, de 2025, publicada pela editora Autografia. Nesta obra, procuro amparo poético para denunciar as injustiças sociais que pairam neste mundo, especificamente, no contexto africano e centralizado na Guiné-Bissau. Para tanto, assumo o lugar sagrado do poeta como sentinela e mensageiro do povo, exercendo o papel daquele que carrega as vozes dos oprimidos. Portanto, memória, ancestralidade e resistência são alguns dos temas discutidos neste tecido poético da minha escrevivência, representado pela imagem sagrada do pano de pente – tessitura da resistência cultural e espiritual do povo guineense.

Palavras-chave: Poesia. Resistência. Escrevivência.

Resumu

Es tarbadju de cabanta curso i tene suma objetivos refleti sobri escribivencia de nha purmuru libru ku tchomadu A indjustiça na terra de ninguém de 2025, ku publicadu pa editora Autografia. Nés tarbadju mbusca maneira de escribi poesia de tira cabalindadi de indjustiça ku rodia mundo, mas centrado na Guiné-Bissau e na continente africanu. Pa és msumi lugar sagradu di poeta suma sentinela e mansageiru de púbis, pa fasi tarbadju de kil ku carga vozes de di kilis ku cata obidu, ku tenedu suma catibus na sociedade nunde ké sta na vivi. Pa és, ntarbadja ku memoria, ku ispirito de djintes ku murri ba dja, ku kilis kuta encarna na pecadur, kilas ku dan força e fasin, de nluta pa resisti i pa fasi bali nó cultura, nó raça ku no identidade na nó diferença de raça e de regions. Li tan ntisi pano de pinti na poesia suma instrumento de resistênciã de púbis africanus e em especifico de Guiné-Bissau. (Crioulo-da Guiné-Bissau).

Palavbras tchabi: Poesia. Resistênciã. Escribivencia.

SUMÁRIO

1. AGRADECIMENTOS	07
2. INTRODUÇÃO	08
3. JUSTIFICATIVA	09
4. PROBLEMATIZAÇÃO	12
5.1 OBJETIVO	13
5.2 OBJETIVO GERAL	13
5.3 OBJETIVO ESPECIFICOS	13
6. METODOLOGIA	14
7. FUNDAMENTAÇÃO TEORICA	14
8. A ‘INJUSTIÇA NA TERRA DE NINGUÉM’’: CAMINHOS DA POESIA	15
9. CONSIDERAÇÕES FINAIS	33
10. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICA	35

AGRADECIMENTOS

Expresso minha profunda gratidão ao bondoso Deus (Utchi), criador do universo e de todas as coisas que nele existem. Agradeço meus pais, Amutai Vieira Có (Apáa), e N'pona Djú, (Náa), que já não estão entre nós. Seria um privilégio tê-los aqui para acompanharem e desfrutarem desta colheita (kébur), fruto do meu trabalho acadêmico. Lembro-me das palavras de minha mãe, que, ao começar a comer com as mãos, nutria a esperança de um dia comer com colher. Infelizmente, esse sonho não se concretizou, devido à vontade superior. Agradeço aos combatentes da liberdade da pátria Guiné e Cabo-Verde por defender o território durante a invasão colonial do império de Portugal. Um agradecimento especial ao Dr. Rozer Cá, peça fundamental no processo da minha alfabetização e contribuiu na minha vinda ao Brasil. Minha gratidão também às minhas irmãs, Sônia Vieira Có e Verônica Vieira Có, pela atenção e apoio incondicional ao longo desse percurso. Agradeço aos meus irmãos Carlos Vieira Có, Agostinho Vieira Có, Venâncio Vieira Có, Emanuel Vieira Có, Albino Vieira Có, Único Vieira Có e Silvino Vieira Có, pelos conselhos, cuidados e atenções que me deram desde a infância. Agradeço da mesma forma ao Belmiro Paulo Có Selo Domingos Indi, Padre Indi e sua esposa Djuf Indi e Pastor João Có (John) pelas motivações e encorajamentos que nunca faltaram. Aos meus primos, Silvério Gomes Có, Ezi Adjoino Indi, Osvaldo Abaiún Cá, Júnior Atanim Cá, Justen Caón Có, Zé José Có, Ambi Malamato Djú e Ismael Indi pelo encorajamento constante. Aos meus tios, Lourenço Nanque (vulgo Yufa), Augusto Djú (Ntcháa), Pedro Djú (Boridjéu), Quintino Indi e Joãozinho Indi (John), pelas suas contribuições essenciais para minha viagem ao Brasil. Ao querido digníssimo deputado Dr. Siga Batista, meu mano, expresso meus sinceros agradecimentos pela assistência financeira que tornou essa viagem possível. Gostaria de dedicar um agradecimento em memória ao querido Professor Neves Indi, que primeiro reconheceu e alimentou a chama da escrita que ardia dentro de mim. Lembro-me vividamente do momento em que escrevi e enviei-lhe uma carta explicando minha ausência nas aulas devido a problemas de saúde, ainda na 2ª Classe. Ele, impressionado com a forma como me expressei, disse: "Você escreverá muitas cartas. Prepare-se e não desista. Essas palavras marcaram profundamente minha jornada." Ao Pastor Péricles Lopes Melo e a todos os membros da Igreja Betel Brasileiro de Siqueira-Ceará, minha gratidão, especialmente à querida mãe Elizabete Lemos, que me acolheu como filho. À Professora Giane da Silva Vargas, sou imensamente grato pelo

apoio contínuo desde minha mudança do Ceará para o Rio Grande do Sul, inclusive pela generosa doação de livros que enriqueceram minhas leituras. A Professora Geice Peres Nunes merece especial menção por seu papel crucial na minha integração na universidade. A minha querida professora Marcela Wanglon Richter, por sua orientação inestimável e condução na materialização deste trabalho. Meu sincero reconhecimento também vai à Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA), pela oportunidade e formação, e ao Programa de Educação Tutorial (PET-Letras), pela bolsa que me foi concedida a partir do terceiro semestre da graduação. À minha namorada, Tatiana Paulino Djú, pela paciência, amor, carinho e compreensão, especialmente nos momentos em que estive absorto na escrita deste trabalho. Aos amigos/as e colegas que fizeram parte dessa jornada, em especial Nazário Macho Camilo Indi e sua namorada Zinaida Jorge Nanque, pelas valiosas discussões e reflexões que contribuíram significativamente para este trabalho de conclusão de curso.

2. INTRODUÇÃO

Escrevivência é a forma de registrar a memória individual e coletiva, conforme ensinamentos sagrados e poéticos da professora e escritora brasileira, Conceição Evaristo. A escrita para mim é um ato de expressar, registrar acontecimentos, cultivar o espírito das gerações passadas, procurando conectá-las com o presente e o futuro. Desde cedo, tenho olhares sobre a sociedade bijimitense. Depois de me alfabetizar, comecei o processo de escrita e, sobretudo, dos acontecimentos na minha tabanca, escrevia e escondia os meus escritos na mala da minha mãe. Procurava incansavelmente compreender as razões da injustiça social que imperava na sociedade e, em particular, o que ocorria em minha comunidade Blom. Na tabanca sempre que acontecia um problema ou a entrada de uma doença, as mulheres eram imputadas à culpa, por serem elas que se relacionam com homens de comunidade contaminadas e levam com elas as consequências para a comunidade local. Havia muitas pessoas oprimidas na sociedade, entre as quais, as mulheres eram a maioria. Portanto, meu interesse sobre escrever/escrevivência surgiu por meio de minha indagação sobre injustiça que rodeia o mundo e, em particular, a situação de minha comunidade Bijimita, Biombo, Norte da Guiné-Bissau. Minha primeira obra poética registra essas minhas inquietações e interesses. Esta pesquisa procura estabelecer um espaço de reflexão sobre poesia, vida e engajamento social, tendo como foco o debate sobre os temas trabalhados em minha obra poética.

Imagem do livro A injustiça na terra de ninguém



3. JUSTIFICATIVA

Guiné-Bissau é um país africano, situado na costa ocidental da África, e faz fronteira com dois países francófonos, ao norte com a República do Senegal e ao sul e leste com a República da Guiné Conakry. Possui uma superfície de 36.125 mil km². A costa Oeste do país é banhada pelo imenso Oceano Atlântico. Com uma placa continental de 53.000 de quilômetro quadrado (km²), na parte insular encontram-se os arquipélagos dos Bijagós com mais de 80 ilhas e ilhéus que cobrem uma superfície com cerca de 10.000 quilômetros quadrados (km²).

O país contém apenas duas estações durante todo o ano. Que se divide entre a estação da seca, que começa em novembro e termina no mês de abril, e a estação da chuva que se inicia no mês de maio e termina em outubro. A população é estimada em 1,5 milhão de habitantes (dados da Unesco, 2010). A língua guineense ou crioulo guineense é uma mistura entre a língua portuguesa e as línguas locais. Assim, nasceu o crioulo guineense, que permite diferentes grupos étnicos comunicar e conviver nas suas diversidades linguísticas e étnicas.

O país é administrativamente dividido por três províncias abaixo: Província Norte, composta por três regiões: Biombo, Cacheu e Oio; Província Sul: composta por Quinara, Bolama, e Tombali; Província Leste: composta por Bafatá e Gabu. As fronteiras linguísticas se delimitam geograficamente nos espaços de povoação de cada grupo étnico, e as línguas locais são pouco usadas para comunicar com outros grupos étnicos, por isso, na ausência desses, o crioulo entra como o conector para aproximar as fronteiras de comunicação entre todas essas línguas.

O português é a língua oficial do país e a língua franca mais falada no território nacional é o crioulo guineense, ou (Criol). Os guineenses se comunicam com mais facilidade em crioulo, pois é o que a maioria da população fala. Interessante constatar que os parlamentares debatem em crioulo e os encaminhamentos são redigidos em português, também difundidos nos órgãos de comunicação nas duas línguas: Português e Crioulo para facilitar a compreensão dos cidadãos. Os grupos étnicos que compõem a população guineense são: Balanta, Pepel, Fulas, Bijagós, Felupes, Mancanha, Manjacos, Banhuns, Biafadas, Nalus e entre outros.

A cultura guineense se enriquece devido às múltiplas matrizes étnicas nas quais se manifestam através das danças, expressões artísticas, esculturação de madeira, prata, bronze, olarias, tecelagem, de vários estilos musicais com instrumentos tradicionais como Tambor (tambor), Bombolom, Kora, Balafon, e outros. Esses instrumentos tradicionais foram

utilizados como fios condutores de resistência durante a invasão europeia ao nosso país. A população local usava diferentes instrumentos para se comunicar, planejando autodefesa contra invasores. Essa prática comunicativa está ainda viva e executada pelos grupos étnicos Balanta e pepeis, para comunicar acontecimentos, o falecimento de um idoso ou uma idosa na comunidade. É um ato de respeito e comunhão ancestral, servindo para fazer conexão com os seus antepassados, comunicando a ida e a recepção dos ancestrais.

Na minha infância, depois de ser alfabetizado, senti-me alegre e munido de ferramentas para expressar meus sentimentos através da escrita. Passei a escrever para contar o que percebia do mundo e comecei a fazer anotações de acontecimentos na minha tabanca (comunidade), guardando tudo na mala de minha mãe. A escrita para mim é um ato de coragem e de documentar memórias coletivas e individuais. Para mim, escrever é chover para lavar os corações sujos de raiva e de inquietações dos oprimidos na sociedade. É o ato de dar voz aos que tiveram a sua voz sequestrada. A escrita poética, por sua vez, é uma ferramenta, uma arte de grande relevância, capaz de mudar o rumo dos olhares e da leitura da sociedade, porque confere aos indivíduos a capacidade crítica para expressar seus sentimentos em busca da liberdade.

Sendo assim, o meu trabalho se justifica pela necessidade de ampliar o conhecimento sobre a história e a literatura de Guiné-Bissau e sobre a escrita poética que nasce neste país tão profundo e encantador, mas ainda pouco conhecido. Também destaco o fato de criarmos novos formatos para a produção científica de um trabalho de conclusão de curso, no qual a escrivência de um jovem guineense serve de fonte de partilha acadêmica e construção do conhecimento de modo mais sensível.

Tabanca no contexto guineense é como município aqui no Brasil, para os guineenses o termo tabanca é utilizado para denominar as pessoas que vivem distante de capital da região ou até de centro urbano e em específico Bissau. Às vezes entre como termo pejorativo dependendo do contexto que está sendo usado. Muitos usam esse termo para zombar das pessoas que moram no interior e que não conseguem falar a língua guineense (crioulo) como eles falam, porque moram na capital do país.

4. PROBLEMATIZAÇÃO

A Poesia sempre esteve presente nas lutas de diferentes classes ou sociedades contra a opressão. Ao longo dos séculos, a Guiné-Bissau foi invadida pelo então império de Portugal. O país foi ocupado pelo regime do reino de Algarve durante séculos. Essa situação de invasão permaneceu até agosto de 1972, e a atual Guiné-Bissau era chamada pelo colonizador “guiné-portuguesa”, ou seja, território ultramarino.

Foram cinco séculos de ocupação, dominação e exploração abusiva dos recursos naturais e humanos do país. Para além da invasão e exploração, o reino de Algarve torturava os guineenses fisicamente e psicologicamente, tentavam aniquilar a tradição e os costumes culturais do povo local. Tentavam apagar as construções ideológicas tradicionais de ancestrais africanos que encontravam no país. Obrigavam o povo a falar a língua lusa para confiscarem seus direitos e obter controle total. A resistência guineense fez com que nascesse o crioulo que chamamos também de língua guineense.

Vozes como a do pai da nação guineense e cabo-verdiana Amílcar Lopes Cabral, do poeta Vasco Cabral, de Pascoal D'Artagnan Aurigemma, entre outros, levantaram-se contra o que ocorria. Outras vozes surgiram depois da libertação do país, como o grupo dos jovens denominado meninos de Hora de Pindjiguiti, galvanizados pelo espírito da luta. Neste grupo, o grande escritor Tony Tcheca fez parte, também Hélder Proença, entre outros. Este grupo tinha como objetivo enaltecer o feito de patriotas, os guerrilheiros da emancipação do País. A voz da mulher também se faz presente: Odete Semedo mostra coragem e ousadia para denunciar este contexto opressivo. Na sua obra “*No fundo do canto*”, temos a denúncia ao sequestro dos lugares sagrados de cultos do povo guineense e também da guerra civil que abalou o país.

A Professora Inocência Mata (2024) postula que a literatura africana de língua portuguesa indaga e luta para expulsar o corpo estranho do seu território. Isso se compreende nos questionamentos presentes nas sequências de obras literárias publicadas pelos poetas guineenses sobre a subtração do direito de ir e vir no seu território e, principalmente, da proibição de frequentar seus lugares de culto, de conexões com os seus costumes, de suas tradições negadas pela brutalidade do colonizador que alcançou o auge no Porto de Pindjiguiti. Conhecido como massacre de Pindjiguiti, esse ato criminoso de imensa

brutalidade aconteceu no dia 03 de agosto de 1959, com mais de 50 cinquenta funcionários que estavam reivindicando os seus direitos foram assassinados a luz do dia, pelo simples motivo de busca de boas condições de trabalho e de salário digno como funcionários.

Octávio Paz em sua obra “O Arco e Lira” (1956), afirma que a poesia é um poder que profetiza e revela o que se passa no mundo. Neste sentido, cada poeta tenta registrar o momento do seu tempo e procura compreender a realidade. Para o autor, o poeta é quem utiliza os recursos necessários ao seu alcance para entender cada contexto da sociedade e também é quem procura saber do passado, relata o presente e ainda propõe uma reflexão sobre o futuro, facilitando assim, a ligação entre esses três tempos. Para Paz, o poeta tem o papel de lutar pela paz e esperança de uma sociedade igualitária e justa. Neste sentido, o poeta firma-se como a voz do povo, porque representa os anseios, os sentimentos coletivos e principalmente as vozes dos excluídos e injustiçados no convívio social. A minha obra de poesia nasce também a partir dessas questões estabelecidas por Octávio Paz, e pela necessidade de valorizar a voz poética nos espaços escolares, acadêmicos e, sobretudo, incentivar a escrita poética dos alunos.

5. Objetivo geral

Este trabalho tem como objetivo abrir espaço para o debate sobre a escrita poética no curso de Letras Português e Literaturas de Língua Portuguesa, promovendo a inserção e valorização do conhecimento ancestral e artístico no campo científico nessa instituição.

5.1 Objetivos específicos:

- Fortalecer o papel da escrita poética no curso de Letras.
- Analisar alguns poemas na obra “A injustiça na terra de ninguém” de minha autoria.

- Ampliar os conhecimentos e o campo de estudos sobre a Literatura de Guiné-Bissau.

6. Metodologia

Este trabalho de conclusão de curso tem como metodologia Escrivivência que permite reunir e organizar as contribuições teóricas e poéticas através da vivência presentes na obra, tornando evidente a importância do conceito de escrivivência em minha trajetória poética e científica ênfase a leitura da obra “A injustiça na terra de ninguém” (2025). Destaco temas presentes nos poemas do livro para discutir sobre a importância e o papel de viver e escrever a memória coletiva e individual na sociedade.

7. Fundamentação Teórica

Este trabalho contou com amparo teórico de Cândido (2012), Stuart Hall (2006), Pires Laranjeira (1999), Octavio Paz (1956), Correia (2023), Mantenhas para quem luta (1977), Odete Semedo (2007), Silva (2015), dentre outras. Essa abordagem se alinha à percepção de que a literatura exerce um papel fundamental na luta por direitos.

Desse modo, a pesquisa se alicerça em obras literárias, teses, artigos científicos e especificamente em duas obras de escritores/as guineenses: “Mantenhas para quem luta”, de um grupo de jovens composto por Tony Tcheka, Francisco Conduto de Pina, Aguinaldo Augusto Regalla, Helder Magno Proença, Justen, e entre outros que ousaram levantar a voz na década 70 para elogiar a coragem dos combatentes da liberdade da pátria, e também a obra “*No fundo do canto*” de Odete Semedo. Esta obra poética denunciou o processo da colonização do país e a guerra de sete de junho, conhecida como revolta dos militares. Essas duas obras promovem o espírito de patriotismo, de luta e resistência.

No contexto guineense, a literatura foi utilizada no campo da poesia como instrumento de resistência de transformação social para expressar e denunciar injustiças cometidas pelos colonizadores. Para além de registrar os acontecimentos que abalam a sociedade, a escrivivência também serve para proteger a memória, seja ela coletiva ou individual. De acordo com o professor e pesquisador Solimar Patriota Silva, é por meio da escrita que registramos nossas idéias e, desta maneira, nos comunicamos diariamente,

escrevemos e lemos diversos gêneros textuais, como bilhetes, e-mails, listas de compras e outros. Entretanto, o ato de escrever é expressar nossos sentimentos, intenções e experiências no papel, parece até mesmo causar temor a algumas pessoas (Silva, 2015.p. 2). Portanto, é importante ressaltar que o ato de escrever é exercício do direito da cidadania, de expressar o sentimento individual ou coletiva, de compartilhar a memória, de se comunicar com os outros, assumindo compromissos principalmente com a classe subjugada na sociedade.

8. A ‘Injustiça na terra de ninguém’’: caminhos da poesia

De acordo com a professora Dra. Moema Parente Augel, depois do tempo sombrio da opressão colonial, quando os valores africanos foram desqualificados pelo colonizador, o papel do escritor passa a ser o de denúncia e repúdio face ao invasor. Sendo assim, exaltar as belezas e singularidades do especificamente guineense, foi da maior importância para a retomada da autoestima e da valorização das coisas da terra. A poesia de combate, como foi chamada, e a poesia ufanista desempenharam um papel basilar na construção da identidade coletiva da recém independente Guiné-Bissau (Augel 2010, p.14).

A poesia é uma arma poderosa que se pode utilizar para defender a liberdade, construir a identidade e lutar pela justiça, equidade, bem estar de todos cidadãos na sociedade. De acordo com Octávio Paz, o poeta é mensageiro do povo, sentinela atento à causa social. Portanto, a poesia guineense sempre esteve alinhada à defesa do povo, conforme o poema Identidade Machucada. Neste texto poético, procurei destacar a voz do povo africano e, em particular, guineense, na reivindicação e pertencimento do espaço invadido pelo ditador/ colonizador.

Identidade Machucada

Machucaram os nossos avós

Invadiram o nosso território

Algemaram o povo sem motivo

Nossos avós

Desembarcaram no porto de Maranhão

Acorrentados sem saber o porquê
Sequestraram a nossa identidade
Mutilaram a nossa cultura
Enclausuram a nossa tradição
Adulteram a verdade
Trocaram a versão
Queimaram a genuinidade
Escamotearam a dignidade do povo preto
Roubaram outros da nossa África
Comercializam os nossos vovôs
Mas não compraram suas dignidades
Nossos avós honraram a cor da pele
Defenderam a pele escura
Nos guetos eles defenderam suas marcas (Có: 2025, p.29).

Ao pensar no processo da escrita do poema *Identidade Machucada*, tentei traduzir a tristeza que passa de boca em boca, de geração em geração na nossa África. Essa memória ainda se vê no cotidiano dos africanos e negros espalhados por todo o planeta. O processo de invasão europeia ao continente africano pelo colonizador é um autêntico ato de violação de tratados internacionais/ leis internacionais do qual o próprio opressor faz parte. Eles entraram no território dos países africanos e algemaram o povo. Acorrentavam os negros, sequestravam suas identidades e mutilavam suas culturas tradicionais. Durante a ocupação, houve resistência dos nativos, que defendiam seus territórios. Homens e mulheres estavam em batalhas em defesa dos seus interesses coletivos.

Durante o processo de colonização/ditadura os europeus estavam violando o direito do povo africano, entraram nos lugares sagrados sem cumprirem com os requisitos exigidos pela tradição africana. Portanto, o povo africano resistiram à opressão e retomaram seus lugares e suas conexões com seus ancestrais.

De acordo com Stuart Hall, a identidade é costura e sutura. Neste sentido, entende-se que ela estabiliza tanto os sujeitos quanto os mundos culturais que eles habitam, tornando ambos reciprocamente mais unificados. Assim, compreende-se que a tradição de vários países de África de preservar seus costumes, suas culturas, tradições e memórias coletivas faz parte dessa costura. Há certos espaços na África e, em particular na Guiné-Bissau, que são proibidos de um corpo estranho entrar sem passar pelo processo de uso tradicional. Esses espaços foram violentados pelos invasores sem respeito aos costumes e práticas que eram realizadas pelo povo originários do país.

O regime de Algarve, que era comandado na altura pelo ditador António Oliveira Salazar, tinha como comandante de operação João Teixeira Pinto. A voz da revolução ecoava nos ouvidos dos guineenses, o povo nutria a vontade de ir ao encontro desses opressores, porque estava cansado de ver seus entes queridos serem fuzilados.

Para os africanos, a tradição é muito importante e sua preservação é ensino que se passa de boca em boca, de geração a geração, para que não deixe nada escapar sem ser ensinada. Através desse ensinamento que eu estou materializando, tiro da boca para o papel o ensinamento que recebi dos ancestrais e que considero minhas bibliotecas da tabanca e da sociedade.

A terra para os guineenses é sagrada, nem todos podem pisar em todos os espaços. Há lugares em que só é permitida a entrada dos indivíduos que cumpriram com todos os requisitos exigidos pelas leis tradicionais e morais de seus grupos étnicos. O invasor usurpou os lugares sagrados e entrou sem cumprir com os requisitos como ordena a lei tradicional. Os anciões da comunidade organizaram suas resistências em conexão com seus lugares sagrados, porque de lá também nasceu a força impulsionadora do combate contra o invasor.

Como menino atento ao grito de socorro de minha gente, na altura observava atentamente a raiva de minha avó, quando ela explicava o passado terrível que viveu durante a luta de libertação do país. Dizia que o helicóptero sobrevoava em cima delas na bolanha, elas eram obrigadas a se esconderem na água e na palha que estavam nos arredores. Muitas das vezes se afogavam, engoliam água para permanecer dentro daquele lugar, pois se saíssem o invasor poderia levá-las para castigo mais duro e cruel. Como poeta e mensageiro, faço questão de escrever o que ela falava. As balobas (lugares sagrados) dos guineenses não viam com bons olhos o desrespeito que sofriam naquela altura. Este registro é testemunho de

quem recebeu e guardou a memória compartilhada. O poema *As cicatrizes* aborda essa memória de luta e de resistência.

As cicatrizes

No corpo tenho ainda os sinais dos chicotes
Nas memórias lembro dos meus irmãos
Entregues às baleias no mar
Nos olhos, ainda lembro das lágrimas caídas no porto
Sofrendo pelos chicotes, minha luz ninguém apaga
No ar talvez consigo pousar, na terra ninguém me ouvi
O grito em vão, ninguém escuta!
Cada dia ando nas armadilhas!
O negro sem sossego, sem emprego e sem sucesso!
Dizem que sou doente, não trabalho
Doente sim, de torturas psicológicas dos
Chicotes dos vossos vovôs!
Do passado até do presente
Do frio da chuva e com fome ainda suporte!
O pássaro sem destino
A sombra de Baobá frondosa
(Có: 2025, p.39)

O poema “As cicatrizes” retrata o passado colonial sangrento que o regime ditatorial de Algarve perpetuou na Guiné-Bissau durante décadas. Ao retratar que no corpo tenho ainda sinais, trouxe à tona as violências que o povo negro sofria no passado. Ao escrever esse poema, lembro das histórias que minha avó me contava à noite em nosso (djumbai) sobre como foram desrespeitadas no seus espaços de convivências. Joaquim Eduardo Bessa da Costa Leite (2014) afirma que as literaturas africanas em língua portuguesa são literaturas que insistem na dependência da questão da identidade e da cultura nacionalista. Neste sentido compreende que a escrita nasce através desta revolta que luta pela busca da afirmação da

identidade cultural do povo guineense. A literatura guineense, como a literatura de outros países africanos, nasceu com pendor reivindicativo.

Muitas pessoas foram levadas nos barcos sem saber o que aconteceria. Muitas lágrimas caíam a cada ida do barco. Essas lágrimas eram acompanhadas com os chicotes, quando familiares choravam por não concordarem com a ida forçada de seus parentes. Nesses casos, essas pessoas eram reprimidas, torturadas no porto e em outros lugares de concentração para a embarcação. Eram gritos e gritos que ninguém ouvia, ninguém dava atenção às vozes que soavam no porto. O desespero e as lágrimas ainda moram nas nossas memórias. Essas memórias que minha avó repassou para mim.

Stuart Hall (2006), argumenta que nas sociedades tradicionais, o passado é venerado e os símbolos são valorizados porque contêm e perpetuam a experiência de gerações. A tradição é um meio de lidar com o tempo e o espaço, inserindo qualquer atividade ou experiência particular na continuidade do passado, presente e futuro, os quais, por sua vez, são estruturados por práticas sociais recorrentes. Penso que o ato de narrar da minha avó insere-se nesta perspectiva apontada por Hall.

Os guineenses estavam nas mãos dos colonizadores, eram eles que decidiam o futuro dos guineenses, se seriam mortos no mesmo dia ou se esperariam outro dia. A vida era de frio e chuva, a terra recebia tudo. Ela é como mãe, o corpo que fertiliza, que cultiva a memória e que permite o renascimento de seres humanos. Naquele tempo, os corações estavam machucados, mas a resistência dos homens e das mulheres guineenses era como a de um baobá: forte e próspera.

O povo estava sendo caçado a cada minuto, o regime perseguia os nativos e fuzilavam, os que resistiram e defendiam a terra eram acorrentados, torturados com espingardas. Muitos foram roubados em pleno dia e vice-versa, as mulheres também tombaram na crueldade do regime que estava instalada no país. Nas embarcações que eram feitas no Porto de Cacheu e de Bissau, as pessoas eram obrigadas e empurradas a entrarem no barco e quando dava um problema na travessia, as pessoas eram jogadas na água para as baleias engolirem e permitir que a embarcação passasse.

Então, existem duas mães neste mundo que lutavam entre si. Uma mãe que é África lutava em defesa dos filhos, gritava para que o opressor parasse com suas práticas, enquanto que outra mãe que é baleia compactuava com o massacre organizado pelo sistema opressor

que estava instalada no país. A mãe África é uma mulher que luta diariamente para salvar os filhos, nessa luta nunca se resignou, sempre se pautou pela liberdade e nunca compactuou com a injustiça que estava ao redor dela. Na cidade de Cacheu-Guiné-Bissau, ainda se vê no porto alguns objetos que os colonizadores usavam para torturar as pessoas que resistiram.

A crueldade era mais feroz do que a voz dos que clamavam pela justiça. Os olhos choviam a cada dia que colonizadores se encontravam com os nativos. A luta pela independência dos países africanos foi recente. Guiné-Bissau iniciou a guerra da libertação em 1963 e assegurou durante onze anos sem espingardas, sem canhões e sem munições, a defesa do território.

Baleia é um tipo de peixe tubarão que tem capacidade de mergulhar em canoas, barcos de pequeno porte. No processo de colonização os europeus levavam os africanos obrigatoriamente e quando baleia atacava seus barcos no alto mar eles tiravam uma pessoa e botava no mar, para a baleia comer e eles poderem passar. Porque ataque dele é quando tiver fome, enquanto a mãe africa é aquele que reja para que os filhos escapem da tortura de ditador europeu.

A luta por direitos é apresentada no poema a seguir. O texto *Direitos Mutilados* aborda a legislação que não protege e é usada para oprimir.

Direitos mutilados

Na comunidade periférica

A gente ri um dia e chora cinco dias,

As leis que não me protegem!

Me levaram-me sem que Minha família soubesse

Do destino que estão me levando!

A vida na periferia é assim,

Rir pouco e chorar muito.

Contém a mãe Quinta,

Que eu durmo com as moscas aqui,

Almoço com mosquitos,

Janto com os chicotes,
Se voltar vivo tudo bem
E se vier a ser ceifado saibam
Que não cometi nada de infração
Contra alguém que fará o estado,
(C6, p.57).

Nesse poema, apresentei a situação dos mais carentes na sociedade Guineense, que muitas vezes, são injustiçados, raptados e sequestrados sem que sejam acusados pelo ministério público, ou qualquer órgão da justiça. Muitos homens foram presos sem mandado da justiça. Em 2024, um movimento da sociedade civil saiu em marcha, reivindicando melhores condições de centros hospitalares e escolares, e o governo respondeu com gás lacrimogêneo e detenção mais de 90 pessoas.

Segundo os relatos dos detidos, foram submetidos à tortura. Essas pessoas não roubaram nada do estado, apenas estavam exercendo seus direitos de cidadania. No Brasil também, isso se observa, trouxe aqui o caso de um homem negro que foi brutalmente assassinado por segurança no mercado Carrefour, em Porto Alegre, sem usufruir do direito da fala durante a violência.

Portanto, ao pensar na escrita desse poema, penso observar dois estados que compartilham o mesmo espaço da Comunidade dos Países de Língua Oficial Portuguesa (CPLP). A voz usada no conto é do terceiro que sofre com esse mutilamento de direitos e não tinha voz. O grito que ninguém ouvia. Essa pessoa que estava sofrendo da violência de tortura no presídio, almoçando com mosquitos e jantando com chicotes, demonstra o lugar onde reina a impunidade, a selvajaria. O governo não protege seus cidadãos, ao contrário: ele reprime. Então, quando falo de direitos mutilados, refiro-me a este lugar, no qual não se encontra a segurança para os cidadãos. Depois da independência da Guiné-Bissau o país esteve sempre à deriva, cada um grupo tentando dominar e oprimir os outros.

Depois da libertação do país, e a adesão à democracia da Guiné-Bissau, o país teve as primeiras eleições em 1994, e desde lá até a presente data só dois presidentes conseguiram chegar ao fim de seus mandatos de cinco anos entre 2015 à 2019 e de 2020 a 2025. Nenhum governo constituído legalmente conseguiu concluir seu mandato de quatro anos. Sempre

houve a queda do parlamento e automaticamente a queda de governo. Tivemos também vários golpes de estados e, ultimamente, tem sido usada a força de defesa e segurança.

Esse poema também serve como alerta para os detentores do poder: nenhum governo é ou pode ser eterno, se hoje você está no poder e dirige a máquina do estado para praticar a crueldade contra os outros, podes ter certeza de que receberá também o mesmo troco, pois nenhum poder é eterno. Além de receber o troco, mesmo que o opressor não esteja mais presente neste mundo, os familiares também testemunharam o relatório de sua má governação.

Eliseu Ié afirma que durante a luta armada, a poesia serviu para amenizar a dor e resistir à opressão colonial. Neste período, destacamos os seguintes nomes: Amílcar Lopes Cabral, Vasco Cabral e António Baticã Ferreira pela ousadia que tiveram em expressar seus sentimentos de angústia, pautando como melhor caminho a liberdade para um povo oprimido.

Segundo o autor, esses três nomes marcaram esse período de resistência à violência de repressão social e racial. Por isso, são considerados poetas da geração de independentistas, pela força que demonstraram nas palavras em defesa do povo guineense. Essas pessoas que lutavam naquele período usando poesia como instrumento de animação de resistir a corrente de opressor eram mecanismo que estavam ao seu alcance para combater o invasor em seu próprio território.

Neste sentido, no poema seguinte, expresso o sentimento individual da perda de minha mãe, quando senti-me apunhalado e mergulhei no espírito do medo. Indaguei as estrelas que rodearam o meu esconderijo, desnutrido de amor e de esperança. “Minha biblioteca partiu” apresenta o tema da perda materna aliado à perda de referências da vida.

Minha Biblioteca Partiu

Com quem compartilhei as minhas angústias

Onde esconderei minhas roupas sujas

Quem me cobrirá de julgamento da sociedade

Alguém me golpeou, senti-me apunhalado!

Os lobos tomaram conta de sação

Mãe não me deixe no deserto!

O seu guia as estrelas
As luas, as nuvens a terra guiam a areia
O mar orienta os rios e as lagoas
A mim quem me guiará?
Quem me orientará!
Não, não mãe, ainda é cedo de dormir
Deveria esperar o baile
Não durma agora, acorde
Aqui estou com a colher que me dizia
Que um dia trocaria a mão pela colher.

(Có: 2025, p. 57)

Ao pensar em escrever esse poema, compreendi a grandeza e impacto que minha mãe tem na minha vida. Lembro que, muitas das vezes, sentava com ela à noite, ela ateava o fogo e nos divertíamos muito, compartilhávamos as nossas caixas pretas deste mundo. Sonhávamos juntos. Ela me nutria dos saberes ancestrais de Bijimita, e me aconselhava a ouvir e a guardar como havia feito com o que recebeu de sua mãe e de seu pai.

Desenhávamos o futuro e projetávamos o dia de morar no bacus de mel. Tentávamos compreender o movimento da sociedade Bijimitenses a qual pertencemos. Minha mãe sempre tinha esperança em mim, esperava um dia poder viver uma vida digna e melhor. Usava as metáforas dos nossos djumbai na língua pepel, e dizia o seguinte “nsibi nsta na cansa aós, mas um dia na sinta nkumé ku cudjer”: que significa em português: sei que estou passando muitas dificuldades, mas tenho esperança que um dia sentarei à mesa e comerei com a colher.

A esperança dela alicerçava minha força, tornando-me cada vez mais lutador, tentando sempre acomodá-la da melhor forma possível. Essa força nutriu em mim o desejo de lutar contra o oceano, atropelando marés do continente africano, mergulhando no Oceano Atlântico para buscar melhores condições de vida. Infelizmente, esse sonho foi interrompido prematuramente.

A ida dela para outro mundo deixou um vazio enorme. Fiquei desnutrido daquele doce conselho e puxões de orelha. Minha mãe sabia de tudo. Mapeava movimentos do mundo e cada palavra que saía na sua boca ia ao encontro daquilo que eu via na rua. Esse poema é um registro que faço para eternizar suas palavras no mundo. A literatura como instrumento de poder, de luta, de defesa, de registro da memória coletiva e individual serviu para mim como alavanca para erguer-me no mundo, ao permitir o registro da voz da minha mãe. O poema *Diálogo com minha mãe* registra a fala de minha mãe ao fazer a passagem para o mundo espiritual, servindo de consolo para as saudades deste filho:

Diálogo com minha mãe.

Filho pare de lamuriar!

Eu já estou com Deus vivo

No lugar lindo, lindo demais!

As luzes que estou vendo brilham demais!

Estou torcendo para você vir aqui

Pare de chorar, pare!

Não morri, apenas viajei

Meus pais me disseram que os cavadores de fontes

Não bebem águas delas

As estrelas raiou no céu

Minha cabeça pesada de lamúria

Meus olhos pingando!

As balas me atingiram pelas costas!

O céu me defendeu!

As estrelas me iluminaram!

O poilão caiu com os pássaros

Ninhos e ovos ainda crus,

(Có: 2025, p.53)

Este poema me conecta com minha mãe. Ao sair da Guiné-Bissau, lembro que ao me despedir de minha mãe, ela começou a chover no aeroporto e me disse: 'Vá! Deus te acompanhará, lembre-se da mala compartilhada e procure sempre o melhor, lute sem cessar até atingir seus objetivos. Sei que não vou conseguir degustar seu esforço, sua ousadia, sua coragem de atropelar oceano. Minha presença continuará para sempre ao redor de você.'

Meus olhos estavam pingando ao ver a face dela. Estava na porta de entrada da sala de espera e decidi voltar para abraçá-la. Chegamos ao silêncio. Os nossos olhares já se conheciam, bastava um olhar para saber o que estava no fundo dos nossos corações. Mãe estava se despedindo, mas as pessoas que estavam lá no momento não entendiam a conexão que estava ali.

Eu chorei e disse pra ela, vou voltar e ela responde; mesmo acontecendo não volte, fique lá e faça o que deve e depois de realizar o que deve aí pode vir, sei que vou fazer a viagem, mas não venha, procure asas e cubra os outros. Minha mãe é uma biblioteca, ela transmitia tudo o que aprendeu, desde sua infância até naquela data em que estávamos juntos. Eu, como menino atento, ficava pertinho dela e ouvia os conselhos doces que choviam da sua boca. Uma mulher inteligente, minha mãe sabia que um dia não estaria neste mundo, não por sua vontade, mas pelo poder superior. Ela lutava sempre em defesa dos oprimidos na sociedade. Minha mãe nunca compactuou com a crueldade que se via na tabanca. No meio da injustiça, ela se firmava sempre ao lado da justiça.

A comunidade confiava nela, ela aconselhava muita gente. A maioria era composta por jovens mulheres que sofrem com a exclusão na sociedade bijimitense. Ela ousava levantar sua voz em defesa dos oprimidos. Sua posição na sociedade levou muitas pessoas a acreditarem nela e respirando sempre na sua postura e firmeza perante as ameaças que sofria na comunidade. Quando ela faleceu, recebi várias ligações e mensagens de gente da comunidade que lamentava a ausência da nossa biblioteca.

Diziam-me que já não sabiam o que fazer, a nossa biblioteca havia partido. Por isso, compreendo que minha mãe, para além de ser uma mulher que protege os filhos, ela também era espelho porque defendia e inspirava os oprimidos na tabanca. Na comunidade de Bijimita, recebemos educação de forma oral, a transmissão de conhecimento era dada à noite ou pela madrugada. Minha mãe adorava a madrugada, sempre me chamava para aconselhar na madrugada. Contava segredos deste mundo, ela sabia de tudo.

Cada um djumbai de madrugada contava segredos de tabanca. Porém, na tabanca os conhecidos não são transmitidos por qualquer, era dado para alguém de confiança, minha mãe escolhia sempre para dividir sua tristeza e em como também sua alegria. Essa forma de ensinar na tabanca é mais para quem tem pai, raramente mulheres fazem isso, mas minha mãe estava nutrida de coragem e fazia o papel que era restrito aos homens como os educadores dos filhos. Meu pai faleceu quando nós éramos pequenos, era ela quem fazia de tudo para nos mantermos.

Os ensinamentos dela ecoavam e continuam ecoando na minha memória. Lembro que ao saber do falecimento dela, meu coração choveu, estava pingando goteiras insuportáveis. Senti-me apunhalado, desnutrido de conselhos que acompanhavam o nosso djumbai. Quando minha mãe faleceu eu estava longe do país, não consegui ir para me despedir.

A escuridão reinou no meu esconderijo, a escuridão tomou conta de sação, perdi minha bússola. Minha mãe, antes de partir, já contava para as pessoas que estaria de viagem em breve, muitas pessoas estavam surpreendidas com o que ela falava, mas eu não, porque já sabia através dos olhares dela. O que me faltava saber era o dia certo que ela estaria de viagem.

A literatura como instrumento que conecta o passado com o presente e busca compreender o futuro serviu para que eu pudesse reviver essa memória compartilhada com minha mãe, trazendo o sagrado e a luta que ela significa em minha vida. Ela me enchia de amor, de orgulho e resistência para continuar a lutar pelo bem da sociedade e, principalmente, pela justiça.

Na tradição cultural do grupo etnico pepel um idoso ou uma idosa é como uma biblioteca, porque exerce o papel de ensinar aos novos como viver no mundo e sobretudo como entrar nos lugares sagrados da comunidade. Portanto, a presença de uma idosa na tabanca (comunidade) é vista como uma riqueza. Porque educam a sociedade e quando tem um conflito de posse de terra ou de outro gênero, quem decide são os idosos, servindo como juizes da tabanca.

O poema *Minhas luzes clareiam de longe* aborda essa luta e a truculência dos opressores que não cessam de cometer violências:

Minhas luzes clareiam de longe

O desespero das mulheres

Dos homens guineenses
Pelo reflexo das lágrimas
Sete de junho arruinou tudo!
Os gritos dos filhos sem pais
Mães sem bebés, meninos sem pais e sem brinquedos
Mulheres sem maridos que fará amor
Órfãos e viúvas na missa do padre
Ninguém falava em voz alta
Tudo se fazia em murmuração
As armas que cantavam a noite
Ponto sibi de Bissau desteceu e teceu
A tristeza afrontada no chão de Cabral
A esperança adormecida,
(C6, 2025 p. 80).

Ponto Sibi é uma ponte que fica no centro de Bissau e que liga os bairros de Queze e Luanda. Foi naquele lugar que os militares estrangeiros que estavam em missão de paz na Guiné-Bissau na guerra civil de 1998-99, estavam atravessando aquela ponte quando um grupo de militares oposto à forma que o ex-presidente João Bernardo Vieira (Nino) estava guiando o país.

No momento em que os militares estrangeiros estavam atravessando a ponte para praça da capital, foram surpreendidos e atacados por uma junta militar que assassinou a maioria. Como menino que acompanhou tudo através de rádio e também estava na capital Bissau, ouvíamos muitos choros, muitas lamentações.

Quizé é um nome de bairro em Bissau, que tem um quartel muito poderoso. Os militares estrangeiros que estavam na capital para manter a paz foram surpreendidos pelos

militares guineenses que reivindicavam melhores condições de vida e não foram atendidos, isso resultou na guerra civil de 1998 a 99.

Essa memória ainda está viva na maior parte dos guineenses. De acordo com Ié, desde as primeiras eleições legislativas, ocorridas em 1994, e após o conflito militar, em 1998, cresce proporcionalmente a instabilidade política guineense, e a economia da Guiné-Bissau encontra-se em um estado de degradação, criando, assim, situações difíceis para o desenvolvimento do país. A literatura prosperou mais tarde em virtude do atraso de surgimento de condições socioculturais adequadas e estimuladoras. Esse atraso se agudizou no conflito militar acima mencionado, porque durante a guerra a Única Biblioteca Pública do País foi incendiada durante o confronto de armas pesadas que estavam sendo utilizadas pelas duas partes.

Durante a guerra de sete de junho, meu pai dizia que um militar não pode fugir do combate. Ele falava isso porque era militar, antigo combatente na luta pela liberdade da pátria. Nesta época, eu estava em Bissau com ele, e ouvia as balas à noite. No lugar onde os chumbos caíam, eu ouvia gritos desesperados. Eu vi muitas vidas serem ceifadas por canhões. No quinto dia deste conflito militar, minha avó veio de Bijimita para me levar. Ela fugiu comigo em meio aos corpos carbonizados e sem vida nos arredores do poilão de Brá. Eu vi tudo. Eu lembro de tudo. Meus olhinhos de menino estavam registrando todos os momentos. Eu vi as pessoas chorando e sofrendo, em profundo desespero por não poderem sepultar condignamente seus familiares. Minha avó fugiu comigo para o abrigo de um padre no bairro de Bandim, no centro Cifap. Eu estava cansado, a tontura tomava conta de mim. A fome já havia me tirado quase todas as forças.

Meus pés estavam moles, meu tronco sem energia. A minha avó me empurrava para chegar ao lugar que a gente pensava que era seguro. Ao chegar no cifap, menos de dez minutos depois, caiu uma bomba na rua e ceifou a vida de muita gente. Eu, com aquela idade, tentava perceber o que estava acontecendo e não encontrava respostas. As lágrimas choviam de dentro de mim. As lágrimas choviam de dentro das pessoas.

Quando caiu a bomba, lembro que os olhos do padre que nos abrigou também estavam chovendo. Quando percebemos a tristeza dele, também mergulhamos no pranto e caímos no desespero. Nenhum rosto estava alegre, cada pessoa que passava naquele lugar era acompanhada de goteiras de chuvas, pingando, pingando no silêncio. O sete de junho é um

conflito militar que teve lugar no dia sete de junho de 1998 e terminou no dia 11 de maio de 1999. Durante a guerra muitas pessoas foram submetidas à tortura, outros aniquilados nas valetas que eram cavadas para sepulturas coletivas.

A gente caminhava no jardim da morte. Depois da bomba criar desespero no cifap, minha avó decidiu arriscar e atravessar comigo num caminho que era muito perigoso, porque era controlado pela força da junta militar. Foi assim que deixamos o cifap, e atravessamos um caminho de morte na luta pela vida. Antes de falecer, ela lembrava sempre dessa memória, e me contava, detalhadamente, como tudo aconteceu.

É um acontecimento que me encheu de revolta, desde a infância já vivia num clima de revolta por não concordar com o uso de força e violência para resolver o problema. Ao sairmos de cifap para Bijimita, vimos os corpos carbonizados no caminho. Minha avó, para disfarçar o que estava acontecendo, me dizia que eram roupas pretas. Ela não queria causar medos em mim, mas eu percebia tudo, sabia que eram pessoas sem vidas, aniquiladas na crueldade das espingardas que cantavam toda noite. Ninguém falava em voz alta na comunidade, tudo se resumia em murmuração.

O brilho que se via nos olhinhos das crianças murchou no desespero, muitos perderam seus pais, mães e filhos. Em cada canto tinha mais alguém caindo para sempre. A escuridão morava no País. A crueldade espelhava a cidade, a fome tomava conta de todos. Os gritos de socorro ecoavam em todos os becos de Bissau. O silêncio forçado vestia toda a gente de medo. A gente tinha fome de barriga e de medo. A guerra de sete de junho destruiu o país e até o presente os guineenses ainda lembram do caos daquela desastrosa guerra. O poema a seguir, *Aprisionada pela tradição e cultura* é uma partilha da voz das mulheres que reivindicavam os seus direitos com coragem e destemor. São as vozes da minha mãe e da minha avó. Também de Carolina de Jesus, de Conceição Evaristo, de Odete Semedo, de Paulina Chiziane e tantas outras.

Quezé é nome do quartel situado no mesmo bairro, que foi o palco da revolta militar em 1998-9. É um lugar que muitos memorizam, porque muitos perderam suas famílias e a tristeza inundava e ainda inundam os corações partidos no passado recente.

Aprisionada pela tradição e cultura.

A mulher africana, a mulher guineense
A traição roubou tudo que tenho
Roubou meus desejos
Desestruturou minha forma de ser
Dizem que só sirvo para a casa, para cama, cuidando dos marido
Minha culpa é que Deus é homem?
Homem traz a mulher e me declara em casa
E se eu fizer, a tradição me julga!
Se Deus fosse mulher a história seria outra?
Minha culpa é na tradição ou cultura?
Homem tem um corpo e eu também
Porque não fica quieto?
Vais para onde
A tradição do meu país deu ao homem o
Direito de abusar em mim
Tia Laura, é assim que funciona a tradição?
Não, não aguento mais
Obedecer o fogo que me consome!
Que mundo é esse, um vivendo na liberdade total
E outros coagidos de suas liberdades
(Có: 2025, p.91)

Nesse poema trouxe a cultura opressora da sociedade guineense, e em particular, a do grupo étnico pepel da secção de Bijimita, meu grupo étnico. As meninas guineenses muitas das vezes não recebem o tratamento igual ao dos meninos. O ensino era e continua sendo

dividido: as meninas são educadas para cuidarem da casa, ser dona de casa e serem submissas aos meninos.

Os meninos são educados para serem comandantes da casa, botar a ordem e fazer aquilo que querem dentro e fora da casa. Essa forma educativa cunhada na tradição coloca na cabeça de meninos que eles são superiores e dominadores das meninas. A partir daí, quando se tornam homens, levam esses ensinamentos para suas futuras casas, e passam a oprimir as suas esposas.

Desde cedo, eu percebi como a sociedade se estruturava, e em particular em Bijimita. Na maioria dos casos de problemas, a culpa era sempre atribuída às mulheres. Eu, ficava sempre quieto no meio dos homens, observando e querendo compreender os motivos da culpa de mulheres. Durante minha observação, nas variadíssimas vezes, nunca encontrei a resposta. Com a idade, compreendi que os homens recebem ensinamentos diferentes, portanto, a forma de educação dos dois é totalmente oposta.

Na etnia pepel, como em vários grupos étnicos da Guiné-Bissau, os homens podem casar com até dez mulheres enquanto que as mulheres não possuem esse direito outorgado aos homens. Lembro que um dia, provoquei minha mãe com perguntas aleatórias: Mãe, porque é que o pai tem cinco mulheres e você não? Ao responder minha pergunta, ela me disse, você quer que a sociedade me mate, nunca pensei e não devo pensar em ter outro homem. Na sua resposta, observa-se que mesmo que ela quisesse ter outros maridos não conseguiria, por medo da repressão da sociedade.

No poema, a tia Laura é uma personagem criada para discutir a posição da mulher na sociedade guineense e, em particular, a da etnia pepel. Tia Laura é uma voz adotada para representar a voz das mulheres subjugadas nessa tradição. Na Guiné-Bissau e na cultura tradicional da etnia pepel, a mulher é vista como quem somente tem o direito de ouvir e de aceitar, sendo proibida de lutar por seus direitos.

No meio da injustiça que as mulheres enfrentam nesta sociedade sempre temos aquelas ousadas que levantam as suas vozes e questionam as barreiras impostas a elas. A restrição da liberdade da mulher também está conectada com a história da Bíblia, especialmente, a partir da figura de Eva, mulher vista como aquela que violou os princípios de Deus no jardim de Éden.

Os guineenses, ou seja, o grupo étnico pepel, seguem essa narrativa bíblica e, nessa cultura tradicional, eles determinam que uma boa mulher é aquela que serve a casa, que cuida da família e do seu marido. Na minha observação na tabanca, desde criança, meus olhos mapearam de perto a violência que as mulheres sofriam e nunca eu compactuava com aquilo e nem compactuarei com tamanha violência e opressão.

Tomo como empréstimo a palavra do pai da nação guineense e Cabo-verdiana, Amílcar Lopes Cabral que diz o seguinte: “chegou o momento em que as mulheres devem e podem andar com os seus próprios pés e guiadas pelos seus próprios olhos”. A cada amanhecer, as mulheres guineenses disputam com a opressão para sobreviver em uma sociedade machista e violenta disfarçada de cunho bíblico e religioso.

Nessa luta contra as injustiças e invisibilidades das mulheres, ressaltamos a denúncia feita pela escritora Moçambicana Paulina Chiziane em sua obra intitulada “Eu, Mulher: por uma nova visão do Mundo”. A autora apresenta como exemplo as práticas do grupo étnico denominado Tsonga, em Moçambique, que costumam castigar as mulheres da comunidade. Chiziane denuncia o machismo que as mulheres sofrem naquela comunidade africana. Entendo que o sofrimento das mulheres na comunidade Tsonga é igual àquilo que se passa com as mulheres do grupo étnico pepel, na Guiné-Bissau. Na etnia pepel quando uma doença chega à comunidade, a culpa é atribuída às mulheres. Elas são levadas à noite ao entroncamento e obrigadas a ficarem nuas, sacrificando os animais domésticos para suplicar as deusas para que este afaste a doença da tabanca.

A autora afirma que a nossa sorte seria diferente se Deus fosse mulher. Concordo com ela. O sofrimento da mulher da etnia Tsonga não é diferente da opressão que vive a mulher da etnia pepel. Não podemos nos conformar com essa violência.

O poema a seguir *Ela ou Ele* fala da força necessária para viver em circunstâncias adversas. Este poema é dedicado às mulheres e aos homens que ousam não se conformar. Aborda também a necessidade de reconhecermos as nossas fragilidades quando a dor e a tristeza tomam conta de nós. Neste caso, a chuva de lágrimas surge para lavar a alma, nos purifica e permite que possamos seguir com a pureza e a alegria de viver, mesmo quando tudo parece desmoronar.

O grupo étnico está situado na região de Biombo, norte da Guiné-Bissau. Sua cultura é semelhante com outros grupos étnicos como: Manjacos, Balantas e Manhahés. No grupo étnico pepel, a tradição cultural priva a mulher de seus direitos, as mulheres desse grupo ou seja, as meninas são obrigadas e forçadas ao casamento contra suas vontades, porém, eu como o menino naquela altura, não compactuava com essa opressão. É uma prática que se estende a todos grupos étnicos que formam a Guiné-Bissau.

Ela ou Ele

É melhor andar sozinho

Dogue andar cheio de multidão

Que translada a perdição

No sono de esperança, as luzes me iluminaram

Chamei a esperança e ela chegou

E acordou meus olhos

Meu Coração respirou para lutar

Minha esperança renova e está-se renovando

Chorar é às vezes lavar o coração

De sujeiras que atola o caminhar

Mitigando na esperança

Os obstáculos são grandes, e a esperança

Ainda não se deve afogar

É proibido dormir enquanto quem te cerca

Não desiste então você não deve parar, (Có: 2025.p.115)

Ao redizer este poema, lembro de muitas pessoas que já se perderam nesta caminhada. Muitos já choveram e chegaram ao ponto de querer desistir da corrida neste mundo. É um poema pensado na restauração da força interior para conseguirmos seguir em frente. Nessa vida, os obstáculos são grandes e perseguem a gente, portanto, a esperança não deve dormir, deve acordar e acompanhar a realidade da vida.

Há muita sujeira na beira do caminho, por isso, é necessário andar com cuidado para não tropeçar no lamaçal armado pelos inimigos. Nesse sentido, os obstáculos impostos no caminho são grandes e chorar é lavar o coração. Os poetas e as lavadeiras sempre lidam com água, porque ela serve para lavar as roupas sujas. Errar na vida é sinal de aprendizado. É preciso seguir em frente para corrigir os seus erros. A metáfora da água se enquadra na leitura da natureza, do nosso convívio social e das transformações da vida.

9. Considerações Finais

Em minha reflexão como poeta, compreendo que a literatura é um instrumento importante no combate, na denúncia e no registro de sentimento para dar voz ao povo. Em um ato de resistência, o poeta solta a voz como quem canta. Na voz poética, ouvem-se as profundezas da dor do outro. Também ouvimos a potência das forças mágicas dos ancestrais e a força do espírito de combatentes no Pindjiguiti. Ao assumir esse papel, como Odete Semedo denomina tcholonadur, de púbis, intérprete de povo, sinto e compartilho na escrita a minha angústia diante da violência do mundo. Contar é uma forma de não esquecer.

Na convergência da nossa etnicidade do multilinguismo, a poesia guineense entoa e clama por liberdade, ambicionando viver tempos melhores. O poema firma-se como um grito para alcançar os irmãos dispersos em todos os cantos do país, também os que estão espalhados pela África, Europa, Ásia e América. Um poema extraído da raiva de injustiças sociais pendentes no mundo. Os meus poemas apontam caminhos para a Guiné-Bissau erguer-se e seguir em busca de paz, harmonia e justiça para todos.

Portanto, considero o processo de escrita/escrevivência como uma construção civil, de juntar e organizar os tijolos, porque as palavras são como tijolos que se juntam para construir a casa. Essa abordagem se alinha à percepção de que a literatura possui um papel de grande importância, de construção da sociedade igualitária e justa, de defesa dos direitos na sociedade.

De acordo com Elizeu (2019), o escritor é um sentinela, que recolhe informações através de sua visão, procura os dados, analisa o contexto e a conjuntura social. Portanto, escrever é ler a realidade. Para mim, o escritor é um conselheiro atento, que orienta no caminho da liberdade e da comunhão.

Portanto, fechando esse ciclo de graduação, considero muito importante enfrentar os oceanos de África para América e implementar as escritórias na Universidade Federal do Pampa. É importante ressaltar que, durante essa caminhada acadêmica compreendi a grandeza e o poder da escrita no mundo acadêmico, esse poder se vê na minha trajetória como aluno, que está à procura de seu lugar de fala. Essa busca se encerra nesse trabalho de conclusão de curso e abre outro caminho no Mestrado em Ensino, nessa casa que me acolheu. Como um pescador de conhecimentos no mundo acadêmico, procuro sempre pescar e pegar os bons peixes para um dia voltar. Minha luta pelo bem de todos e, em particular, das mulheres da minha terra, é permanente. O sentinela não dorme. Lutando sempre a favor dos oprimidos e defendendo suas causas para que possam viver em liberdade, paz e harmonia social como cidadão pertencentes a esse mundo. É importante ressaltar que o pano de pente também serviu e ainda serve como instrumento de luta e resistência no passado e no presente. É um objeto muito importante e útil no contexto africano e em particular na Guiné-Bissau. Por isso, uso a metáfora da imagem do pano de pente como a capa do livro, servindo como instrumento de resistência contra opressão do passado europeu e até do presente dos irmãos guineenses que desgovernam o país desde 1998, da famosa revolta que destruiu o país.

Guiné-Bissau viveu dois momentos inesquecíveis, invasão europeia na década 60 e revolta dos militares de 1998-9, conhecido como a guerra de sete de junho que durou um ano. Essa revolta do passado colonial e do passado recente transborda na escrita deste trabalho de conclusão de curso através da vivência de quem recebeu e guardou a memória coletiva e individual vivido na Guiné-Bissau. Memória que não é diferente com de outros países africanos indicadas no passado pelos europeus.

A etnia pel é um dos grupos mais ferozes no tecido social guineense, são visto como um dos mais bravos na resistência e defesa do do território, tendo figuras de destaque como João Bernardo Vieira (vulgo Nino), Rafael Barbosa, Augusto Mário Có, Veríssimo Correia Seabra, Cacheu Cá, e entre outros que eram vistos como bravos guerreiros na luta de libertação de país e da expulsão do corpo estranho que se encontrava na Guiné-Bissau.

10. REFERÊNCIAS

AUGEL, Moema Parente. A nova literatura da Guiné-Bissau. Bissau: INEP, 1998. (Coleção Kebur).

AUGEL. Moema Parente. O desafio do escombros: a literatura guineense e a narração da nação. 2005. 387 f. Tese (Doutorado em Literatura Portuguesa, na especialidade das Literaturas Africanas de Língua Portuguesa) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005.

AUGEL, Moema Parente. O desafio do escombros: nação, identidades e pós-colonialismo na literatura da Guiné-Bissau. Rio de Janeiro: Garamond, 2007.

AUGEL. Moema, Parente: Vozes que não se calaram. Heroicização, ufanismo e guineidade SCRIPTA, Belo Horizonte, v. 14, n. 27, p. 13-27, 2º sem. 2010.

CÂNDIDO, Antônio. Direito à literatura. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2012.

CHIZIANE, Paulina. Eu, mulher... por uma nova visão do mundo. Revista do Núcleo de Estudos de Literatura Portuguesa e Africana da UFF, Vol. 5, nº 10, Abril de 2013.

EVARISTO, Conceição. A Escrivivência e seus subtextos. In: DUARTE, Constância L.; NUNES, Isabela R. (org.). Escrivivência - a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo, Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020. 11-46.

HALL. Stuart: A identidade Cultural na Pós-Modernidade; tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro-11. ed. -Rio de Janeiro: DP & A, 2006.

CORREIA, Eugénio Nunes. Literatura como sistema: o caso da Literatura Guineense. Ideação: Revista do Centro de Educação, Letras e Saúde, v. 25, n. 2, 2023. E-ISSN: 1982-3010.

MATA, Inocência. Descolonizando o global: perspectivas africanas da literatura-mundo: Niterói-Rio de Janeiro, 2024

NUNES, Silvio. O Gênero Cordel no recontar dos Causos do Meu Avô ou As Arteirices do Pedro Mentira na Unipampa - que viraram Tcc Trabalho de Conclusão de Curso apresentado

ao Curso de Letras da Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial para obtenção do diploma de Licenciado em Letras– Português/Espanhol e Respectivas Literaturas, 2017.

LARANJEIRA, Pires (org.). Literaturas africanas de língua portuguesa. Lisboa: Universidade Aberta, 1995. Cap. “Guiné-Bissau: literatura e nação”, escrito por Inocência Mata.

DEUS, e Serra Paula Lílian, CARVALHO, de Marçal Wellington: Literatura da Guiné-Bissau 2023 IÉ, Eliseu José Pereira. Pequena viagem da literatura guineense. 2019. Dissertação (Mestrado em Letras Vernáculas) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019.

PAZ, Octavio. O Arco e A Lira. Cosac-Naify: São Paulo, 2012.

MANTENHAS PARA QUEM LUTA: A nova poesia da Guiné-Bissau. Bissau; Conselho Nacional de Cultura, 1977.

SILVA. Patriota, Solimar. A escrita criativa: Escrevendo em sala de aula e publicando na Web. (Unigranrio), 2015.

PIRES. Cardoso. José: Dinossauro Excelentíssimo; Dedalus-Acervo, FFLCH-LE, 1973.

SEMEDO, Maria Odete da Costa. No Fundo do Canto: Belo Horizonte: Nandyala, 2007.

SEMEDO. Maria, Odete da Costa: As Mandjuandadi: cantigas de mulher na Guiné-Bissau: da tradição oral à literatura. 2010. 451 f. Dissertação (Mestrado) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2010. Disponível em: https://mulheresnopoder.unilab.edu.br/wp-content/uploads/2019/09/GB_ART_43\AS\MANDJUANDADI\CANTIGAS\DE\MULHER_NA_GUINÉ_BISSAU.pdf. Acesso em: 01/09/2025,